

No dia anterior à sessão, pesquisei sobre o significado do termo *amor fati* e fiquei curiosa em relação ao filme. O relacionar do amor incondicional às eventualidades (por vezes cruéis) da vida com a temática do amor entre pares que a sinopse anunciava, deixou-me intrigada.

A breve introdução feita pelos próprios produtor e realizadora foi muito elucidativa quanto ao processo criativo e impressionou-me a tamanha transparência da realizadora perante o público quanto à mudança de rota em termos conceptuais, que ainda assim foi graciosa e fez justiça à ideia original.

Adorei como cada história se desenrola e estabelece o seu próprio tom: a crueza das realidades de cada um podia, isolada no segmento de um filme, parecer-nos totalmente dramática ou genialmente cómica, sem que houvesse qualquer premissa ou narração a mimar-nos a interpretação. Ri e chorei, tal como o resto da plateia.

Curiosamente, após abandonar o cinema, toda a realidade à minha volta ganhou novas cores: estava atenta à enorme qualidade cinematográfica de cada existência que me rodeava. A Praça Luís de Camões pareceu-me poesia viva, o resto do meu dia pareceu-me poesia viva.

Tudo isto pois Cláudia Varejão foi capaz de tornar a vida em arte, sem tirar nem pôr. Pegou na vida, que é também morte, nascimento, risos, choros, paixões, rotinas, e apresentou-nos como arte. Fez-me, de facto, sentir amor ao meu destino, seja ele o que for.

AURORA NUNES | 12.º ANO



CINECLUBE
Prof. Edgar Sasilinha

CINECLUBE FORA DE PORTAS

Cinema Ideal | Rua do Loureto, 15/17, Lisboa
14 de Novembro de 2020 | Sábado | 10h30



APRESENTAÇÃO
Cláudia Varejão | João Matos

PROJEÇÃO
Amor Fati (2020)
Cláudia Varejão

Acredito que o filme nos faz pensar muito sobre a valorização da vida, a valorização de quem amamos, sobre as nossas almas gémeas, e digo “almas gémeas” não de um jeito amoroso (apenas). Temos o nosso conceito de amor ideal quebrado nesse filme, porque a tua alma gémea não precisa de ser o teu namorado, noiva, etc., pode ser o teu cachorro, o teu melhor amigo, a tua irmã. Foi uma boa reflexão e talvez até uma lição de vida sobre vivê-la ao máximo e amar mesmo. Não precisamos ter medo de amar!

JÚLIA LAVEZZO | 10.º ANO

É fascinante o impacto que os sons têm neste filme, eles conseguem envolver-nos de uma forma quase que instantânea e natural, nas diferentes realidades retratadas. O som por si só conta uma história. É de salientar também a composição da imagem. Até os lugares que aparentam ser menos convidativos se tornam extremamente acolhedores. Existe uma beleza constante em todo o filme. A nível artístico é algo nunca antes visto, uma forma criativa e cativante de retratar diferentes realidades do país.

MATILDE CARDOSO | 11.º ANO

A simplicidade deste filme permite-nos observar cada detalhe, não só da belíssima fotografia, mas também dos próprios protagonistas. Mais que as semelhanças físicas, são os seus olhares e ações que transmitem o sentimento que está na raiz do filme: a união, a empatia, o amor. O amor não só entre o par, mas com o destino que lhes foi reservado. *Amor Fati* parece olhar atentamente os momentos e vivências comuns e, desse modo, mostra este algo que é tão natural e tão humano – o amor, e como ele está, de uma forma ou de outra, presente na nossa vida.

BEATRIZ SILVA | 11.º ANO

O filme *Amor Fati* é uma constante representação da vida e da condição temporal que é a existência. Mostra uma relação direta entre a solidão e o contacto, a necessidade de partilha da nossa essência. As essências de todos os que participam no filme são sentidas, e dá-nos a oportunidade de partilhar a nossa essência. Ao assistir ao filme, deparamo-nos com esta limitação poética de partilhar a própria existência. Hoje mais que nunca.

AISCHA VALK | 11.º ANO



Decerto um dos pontos mais interessantes do filme, em termos de realização, são os pontos de ligação entre planos e histórias. Desde o nariz do rapaz cego, que conecta com a silhueta do açor, ao cavalo branco do homem que vive na floresta que se relaciona com o cavalo de corrida da mãe das irmãs, à morte da velha Ana que conecta com o nascimento do rapaz cigano, de uma maneira magistral.

LEONOR SILVA | 11.º ANO

Ao sair do cinema é se deixado com a sensação de que se viu um conjunto de fragmentos unidos, como uma coleção fotográfica, levando o conceito de imagem em movimento ao seu sentido mais fundamental.

O filme tem unidade e fluidez, mesmo com quadros muito diferentes entre si, ao ter um olhar neutro sobre meios/realidades radicalmente diferentes, conseguindo dar uma sensação de grande proximidade e continuidade entre eles.

O contraste entre experiências emocionais muito distintas que as várias narrativas trazem, desde a tristeza e a melancolia, tornada mais pesada pela noção de que se tratam de acontecimentos e pessoas reais, ao *timing* eficaz e à inteligência discreta dos breves momentos de humor.

A intervenção silenciosa (e provavelmente de longa duração) da realizadora com os vários intervenientes produz uma familiaridade/naturalidade, sem nunca deixar transparecer o ego do autor. Conseguindo também fugir aos clichês, quando o assunto tinha tudo para cair nestes.

A forma inteligente como a realizadora mostrou o caso do casal mais jovem, de uma geração que tem sempre noção da sua imagem à frente da câmara, ao mostrá-los a fazer atividades performativas (uma sessão fotográfica, uma *rave*), contrastando com a representação das outras relações (como a das duas velhinhas na aldeia do norte).

O contraste entre as duas relações de treino de animais, uma de harmonia e co-dependência entre um homem e um cavalo e outra oportunista e até abusiva entre outro homem e um açor, e a maneira discreta como a realizadora mostra a natureza das duas relações.

THERESA RODRIGUES | 11.º ANO

Gostei dos fragmentos de cada personagem e da cumplicidade entre todos. Das transições subtis entre cada plano, das cores e da textura visual de todo o filme. Despertou dentro de mim uma sensação de curiosidade e deixou ao de leve na minha boca, um sabor agridoce. *Amor Fati* cheira a saudade, a páginas de livros velhos que contam histórias e a chocolate amargo. Um grande obrigada à Cláudia Varejão pelo seu belíssimo filme.

MIRIAM PEDROSO | 12.º ANO

Há uma voz que, embora vulnerável e sussurrante, se revela forte e audível. Essa voz diz-nos para olhar o amor e a vida com atenção, como que contando segredos sobre coisas que julgávamos conhecer. Ouvi essa voz em *Amor Fati*. Assim, num gesto de amor ao destino, só me resta agradecer que as circunstâncias me tenham levado a este filme e à sua voz. Obrigada.

ANA DAVIES | EX-ALUNA